

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n29.15>

Viagem e conflito nas personagens de Luís Cardoso

Journey and conflict in Luís Cardoso's characters

Pedro d'Alte*

Resumo

Nas narrativas de Luís Cardoso, as movimentações, efectivas ou simbólicas, são poderosas e logram colocar em evidência todo o tipo de polarizações: diferenças étnicas e religiosas; clivagens sociais e políticas; o mito e facto; a possibilidade e a impossibilidade. O exercício que aqui se apresenta analisa o percurso evolutivo das personagens masculinas cardosianas (Takas, Lucas Santiago, Pigafetta e Evaristo de Aquino) à luz dos binómios anteriores e, também, enquadrando tais deslocações em diferentes planos: o da própria viagem; o da *fragmentação do eu*; o da identidade e o do exílio. É de crer que a análise das diferentes personagens permita visitar um mosaico polifónico sobre o que foram as vivências e as experiências de muitos timorenses nos últimos quartéis do século XX e nas primeiras décadas do presente século.

Palavras-chave

Literatura portuguesa a Oriente. Literatura timorense. Viagem. Conflito. Luís Cardoso.

Abstract

In Luís Cardoso's narratives, the movements, effective or symbolic, are powerful and succeed in highlighting all kinds of polarizations: ethnic and religious differences; social and political divides; myth and fact; possibility and impossibility. The exercise which is presented here analyzes the evolutionary trajectory of the male Cardosoian characters (Takas, Lucas Santiago, Pigafetta and Evaristo de Aquino) in the light of the previous binomials and, also, framing such displacements in different planes: that of the journey itself; the fragmentation of the self; identity and exile. It is believed that the analysis of the different characters makes it possible to revisit a polyphonic mosaic on what were the life and the experiences of many Timorese in the last quarters of the 20th century and in the first decades of the present century.

Keywords

Portuguese literature in The Orient. Timorese literature. Journey. Conflict; Luis Cardoso.

* Universidade do Minho/Instituto Politécnico de Macau.

Introdução

Luís Cardoso nasce no interior de Timor-Leste, em Cailaco. Forma-se em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa. Ao longo dos anos, publica várias obras literárias. Bastantes são os títulos do escritor: *Crónica de uma travessia – a época do ai-dik funam* (1997); *Olhos de coruja, olhos de gato bravo* (2001); *A última morte do coronel Santiago* (2003) e *Requiem para o navegador solitário* (2007).

Mais recentemente, em dois mil e dezassete, pela Sextante Editora, é editado *Para onde vão os gatos quando morrem?*. Trata-se de uma parceria salutar que já havia sido responsável pela concretização do romance anterior: *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* – lançado quatro anos antes, em 2013. No presente ano de 2021, chega o livro *O plantador de abóboras*, publicado pela Abysmo.

Conforme se tem vindo a reconhecer, no conjunto da obra do autor timorense, são múltiplas as particularidades que fazem parte do que se poderia entender como estilo *cardosiano* na construção da narrativa. A saber: a emergência de um imaginário de forte ressonância antropológica; a transposição de aspetos nativos para a arquitetura do livro e para a progressão da diegese; a metaficção; o revisionismo historiográfico; uma forte intertextualidade, sobretudo entre as obras do autor, que é potencializadora da polifonia e do palimpsesto; a omnipresença de Timor como tema, espaço e, de certa forma, como personagem (d'ALTE, 2014; d'ALTE, 2019; d'ALTE, 2020a; d'ALTE, 2020b; RAMOS, 2018).

O diálogo entre estes eixos é concretizado, maioritariamente, com recurso a migrações e a viagens – efetivas e simbólicas – realizadas por diferentes personagens, das quais se podem destacar: Takas, Lucas Santiago, Pigafetta e Ernesto. Os *seres de papel* surgem, respetivamente, nos romances *Crónica de uma travessia. A época do Ai-dik Funan* (1997), *A última morte do coronel Santiago* (2003), *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013) e *Para onde vão os gatos quando morrem?* (2017).

As movimentações espaciais, temporais e/ou psicológicas são poderosas e logram colocar em evidência todo o tipo de polarizações: diferenças étnicas e religiosas; clivagens sociais e políticas; o mito e a história e o facto; a possibilidade e a impossibilidade. Para o presente exercício, interessa analisar o percurso evolutivo das personagens à luz dos binómios anteriores e, também, enquadrar tais deslocamentos em diferentes planos: o da viagem; o da *fragmentação do eu*; o da identidade e o do exílio. É de crer que a análise das diferentes personagens permita

revisitar e ler um mosaico polifônico sobre o que foram as vivências e as experiências de muitos timorenses nos últimos quartéis do século XX e nas primeiras décadas do presente século.

De Timor a “Timores””: as pequenas viagens

O romance *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013) traz uma personagem literária de nome rigorosamente igual ao de uma célebre personalidade. Fala-se de Antonio Pigafetta, nobre e cronista do capitão-mor português Fernão de Magalhães. Esta particularidade resgata, por si mesma, a historiografia marítima de Timor e ativa o tópico da viagem.

Relembre-se que Timor era um território sobejamente conhecido pelos mercadores filipinos e chineses que, pelo mar, se faziam chegar a esta bela ilha em busca do sândalo branco. A Indonésia Oriental seria dada a conhecer aos europeus pela representação do jovem cartógrafo Francisco Rodrigues que serviu o capitão António Abreu numa jornada concluída em 1512 (LOUREIRO, 1995; SOUSA, 1998).

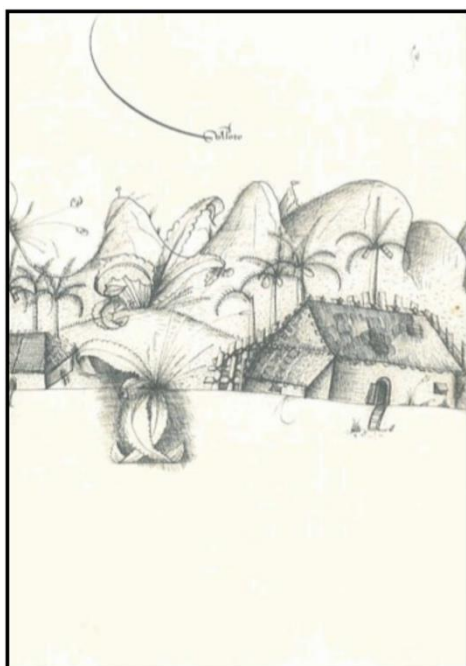


Fig. 1. Livro de Francisco Rodrigues, folha 43. Pelo desenho se representa a ilha de Alor (Centeno & Sousa, 2001, p. 46).



Fig. 2. Representação cartográfica de Timor. As pedras sugerem as elevações montanhosas: Cablaque, Loelaco, Matebian, Merique e Ramelau (Pigafetta, 1525).

No entanto, é ao cronista de que se fala a quem pertencem os primeiros registos escritos conhecidos sobre os gentios de Timor. Pigafetta identifica os reinos de Oibich (Oécussi), Lichsana (Liquiçá), Suai e Cabanaza (Camanassa) nos seus escritos. Em relação à indumentária, o italiano destaca a nudez das mulheres da cinta para cima, assim como a presença variada de ornamentos em ouro e latão, tanto no homem como na mulher. É pertinente notar que a tradição dos discos de ouro ou ‘belak’, que torna explícito – e de certa forma mensurável – o valor do homem pela ostentação do adorno, já remontava, pelo menos, ao século XVI: “Et les hommes vont comme les femmes fors quilz ont et portent au col certains bagues d’or grandes et rondes comme un tailleur” (PIGAFETTA, 1525, p. 187).

O universo da expedição é convocado para o romance em apreço, chegando o Pigafetta timorense a clamar que sofre de escorbuto – como se o Pigafetta biográfico contaminasse o Pigafetta literário. Porém, o paralelismo não se esgota neste traço humorístico. De facto, apesar de o espaço geográfico da viagem do sacristão timorense se circunscrever, sobretudo, a um país, é legítimo constatar que também o seu percurso permitirá questionar o mundo e desocultar novas informações.

O confronto entre diferentes narrativas ou, dito de um outro modo, de “diferentes verdades” é recorrente em vários momentos da diegese e é ativado pela deslocação do Pigafetta timorense. De facto, a pequena viagem de Pigafetta permitir-lhe-á conhecer diferentes personagens e ao jeito de relato polifónico, visitar vários episódios da História timorense e dos quais se podem destacar:

- a) o caso do navio Arbiru. O romance questiona a historiografia vigente e sugere não se ter tratado de um acidente ou de um mero desaparecimento, mas, antes, de uma tentativa de encobrimento de uma situação maior. Resta como estranho o completo desaparecimento do navio e da sua carga (CARDOSO, 2013, pp. 87-88);
- b) a camuflagem identitária. As personagens tendem a possuir diferentes identidades e uma grande variação onomástica. Por exemplo, Malisera recorre ao nome falso de Adriano da Fonseca e confunde a própria referência social¹;

¹ O leitor precisa de ler *Requiem para o navegador solitário* de modo a aceder a esta informação. A forte intertextualidade da obra de Cardoso, por vezes, assim o requer. Nas narrativas de Cardoso, a identidade de Malisera dilui-se noutras figuras, tais como: o cipaio Marcelo, Diogo Raio de Luz, Tio

c) a impregnação de elementos místicos no quotidiano. Note-se como a presença de figuras como a *Pontiana* ou o *Dur-hui* influenciam a vida das personagens e, inclusive, justificam o rumo dos acontecimentos. Mais fortes do que as figuras fantásticas são os fenómenos oníricos nativos. Na narrativa *Olhos de coruja olhos de gato bravo*, o Catequista e o seu seguidor perdem-se nas montanhas devido ao *rain-fila* – uma confusão espaciotemporal².

Apesar de não contribuir univocamente para a verdade histórica, o romance permite o revisionismo historiográfico e uma reflexão sobre os factos (CARAGEA, 2010; HUTCHEON, 1980)³. De certa forma, neste âmbito, é permitido estabelecer um paralelismo entre as viagens concretizadas pelos “Pigafettas”, na medida em que ambos contribuem para uma nova verdade ou uma verdade *outra*. No caso do italiano, a concepção de globo e de possibilidade de navegação em redondo; no que tange o timorense, na demonstração de que existem outras versões da História que ficaram por contar.

Um outro aspecto que coloca em paralelo a experiência de ambos é a possibilidade de ver e de narrar o *modus vivendi* dos autóctones. Duas das mais poderosas figuras com as quais Pigafetta irá contactar são Isadora e Sakunar. Ambos

Americano ou Regugiado. Este fenómeno abeira Malisera da figura do *asuwain*. *Asuwain* é um guerreiro representado, simbolicamente, através de uma estátua com elementos bélicos ou através da máscara que permite a farsa e a ocultação da identidade. Este pormenor tem que ver com a forma de guerrear nativa. Antigamente, os guerreiros timorenses colocavam máscaras quando faziam guerra entre clãs para ocultar a identidade ao inimigo (d’ALTE, 2014, p. 82).

² Em *Crónica de uma travessia*, pode ler-se: “-*Rain-fila!* disse Mali Mau olhando para o descampado e depois para o firmamento em busca de uma estrela orientadora. E sem falar connosco, descalçou as botas, despiu a roupa e ficou completamente nu. Depois voltou a vestir tudo de novo, mas às avessas, tal como a natureza, como forma de encontrar o caminho de retorno (CARDOSO, 1997, p. 124). Em *Olhos de coruja olhos de gato bravo*, o Catequista e Pantaleão perdem-se, ficam reféns do fenómeno e revivem o encontro com a rainha de Raitetuc. Em ambos os encontros, a narração é díspar. Deste modo, intenta-se que o leitor experiencie, também, o fenómeno de *rain-fila* ao ler o mesmo encontro, de forma diferente, duas vezes (CARDOSO, 2001, p. 70-91).

³ No romance de 2013, pode ler-se, em jeito de *carnaval literário*, um alerta para a manipulação da verdade quando se evoca aquele que “andava a tirar o retrato a toda a gente. Pretendia realizar uma exposição em Portugal sobre os povos de Timor. Algumas moças tiveram de baixar as lipas que lhes cobriam os seios. Para mostrar como vivam nas suas aldeias. Embora andassem cobertas havia muito. Baptizadas. Algumas estudavam no colégio das Clarissas” (CARDOSO, 2013, p. 31). Caragea escreve: “A prosa, sobretudo o romance, recuperou a história, no duplo sentido de conto e de narração histórica, resgatando-a da zona para-literária a que esta tinha sido relegada na primeira metade do século, e reinventou o romance histórico, reformulando as suas convenções e estratégias. O revisionismo histórico, praticado pela literatura, tem duplo objetivo: requestionar as versões tradicionais da identidade coletiva e ao mesmo tempo tornar semióforos os espaços brancos do passado ignorados até aí pelo discurso histórico oficial” (2010, s.p.).

permitem a leitura da alteridade, da consciência do *outro* enquanto portador de traços identitários distintos.

Isadora fora fazer o curso a Portugal, era culta, livre e bonita. Tinha outro estatuto e podia andar de minissaia, dançar o yé-yé ou apanhar boleia de um bainó. As filhas dos *liurais* não podiam incorrer em igual comportamento. Por seu turno, António Sakunar evidencia o que Tyson sintetiza como “mimetismo, a tentativa de os colonizados serem aceites ao imitar a vestimenta, o comportamento, o discurso e o estilo de vida dos colonizadores”⁴ (TYSON, 2006, p. 427, tradução nossa). Fenómeno especialmente visível quando, sobre António Sakunar, se lê: “queria ter um emprego na administração pública. Desta forma podiam tratá-lo como senhor António. Podia beber cerveja Laurentina e fumar Português Suave (CARDOSO, 2013, p. 200). O mesmo viria a acontecer, posteriormente, quando da conversão de Sakunar à facção indonésia: “sentado numa cadeira de verga ouvia *kronson*, fumava *kretek* e bebia cerveja de Singapura” (CARDOSO, 2013, p. 124).

As deambulações de Pigafetta não incidem, exclusivamente, o holofote nas figuras que lhe são externas. Também o próprio Pigafetta experienciará flutuações no que diz respeito à concepção de si mesmo. Assim, na sua opinião, a sua pele clara aproxima-o, logicamente, do “familiar” italiano e dos europeus. Alguns conterrâneos apoiam esta sua causa e pedem-lhe que trate de papéis de modo a obterem uma reforma ou uma pensão de Portugal (CARDOSO, 2013, p. 162). Porém, para outros, Pigafetta é um bicho, um albino.

Uma outra deslocação, passível de mostrar clivagens, é a de Ernesto, em Ataúro. Ataúro é uma pequena ilha, localizada mesmo na frente de Díli. Enquanto criança, Ernesto de Aquino movimenta-se entre a parte Este e Oeste da ilha – tal como Pigafetta. As suas viagens mostram clãs que se agrupam segundo um critério religioso que, aparentemente, não faz sentido. Uma dessas comunidades religiosas, a evangelista, caracteriza-se por rezar de olhos fechados (*Taka-matan*). Sabendo que os nativos de “olhos abertos” se aproximam do eixo de governação portuguesa e os de “olhos fechados” se relacionam com forças emergentes, pode permitir-se uma leitura política.

⁴ “mimicry, the attempt of the colonized to be accepted by imitating the dress, behavior, speech and the lifestyle of the colonizers”.

De facto, a ideia de fecho e de abertura relaciona-se, por seu turno, com o par dicotómico Este-Oeste, também presente na viagem de Pigafetta. Trata-se, efetivamente, de um binómio com forte presença em Timor: o leste da ilha (onde o sol nasce) e o oeste da ilha (onde o sol se põe). Tratam-se de clivagens que encontram paralelismo em rivalidades ancestrais como as presentes em *Lorosae* (sol nascente) e *Ioromono* (sol poente) ou *Kaladi* e *Firaku*. Tais divisões ainda hoje criam

Ressentimentos sempre prontos a serem despoletados em tempos de crise. Entre muitas outras coisas, os Firaku afirmam-se como os mais antigos em Timor (“os de dentro”); os Kaladi acusam os Firaku de terem estado do lado colonial na grande revolta de 1912; os Firaku acusam os Kaladi de terem sido a “porta grande” da invasão indonésia (SEIXAS; ENGELENHOVEN, 2006, p. 21).

Metaforicamente, os romances *Para onde vão os gatos quando morrem?* e *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* retratam Timor como um microcosmo tensional no qual diferentes facções se preparam para o confronto: umas abeiradas ao poder vigente colonial e outras mais próximas das forças emergentes timorenses ou externas (sejam elas indonésias ou de outras origens). O *topoe* da viagem permite vislumbrar os motivos para a emergência dos conflitos. Se o presente ponto se centrou nas migrações ocorridas no “palco timorense”, importa, agora, analisar as deslocações entre diferentes países e as suas implicações.

De Timor a Portugal: as grandes viagens

Alguns romances de Cardoso⁵ acentuam uma dimensão autobiográfica ao entrecruzar elementos da biografia do escritor com os da vida ficcional das personagens: a infância passada em Ataúro⁶, a ausência de baço e, entre outros, a saída involuntária de Timor⁷.

⁵ A observação é válida, sobretudo, para os títulos: *A última morte do coronel Santiago*; *Crónica de uma travessia* e *Para onde vão os gatos quando morrem?*.

⁶ De Cardoso (1997, p. 59), pode ler-se: “Quando me perguntavam donde eu era, dizia sempre que era de Ataúro. Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu. Assim, eu deveria dizer Cailaco”.

⁷ Existem inúmeras intersecções entre a vida do autor e a ficção: a remoção do baço, a ausência física de Timor-Leste por vinte e cinco anos; a ligação a Ataúro e a Maubisse; a crítica à sua conduta diplomática; a carreira literária e uma presença fantasma que pode representar a falecida namorada de Cardoso: Rosa Bonaparte. Na presente análise, predomina o fenómeno literário e cultural. Dito de outra forma, entende-se que a narrativa apenas literaliza as experiências de Cardoso, reais ou imaginadas. Assim, em rigor, as experiências narradas não correspondem, ontologicamente, às experiências vividas (SCHOLES, 1989). Por conseguinte, não existe qualquer necessidade ou obrigatoriedade de fazer coincidir a personagem ficcional com o escritor. Como alerta Walsh (2007, p.14), “all narrative, fictional and nonfictional, is artifice. Narratives are constructs, and their meanings are internal to the system of narrative”. [“Toda narrativa, ficcional ou não, é um artifício. As narrativas são construtos, e o seu

A saída do país do sol nascente é o tópico mais transversal às personagens. Ernesto ver-se-ia rumado a Portugal após o turbilhão político e social que se instalara em Timor. Situação, em tudo, semelhante à de Lucas Santiago, à de Takas e, conforme se observou, à de Luís Cardoso. Relembre-se, também, que Luís Cardoso sai de Timor-Leste quando da Revolução dos Cravos, em abril de 1974, em Portugal.

A chegada a Portugal, com todos os sortilégios, opera-se como catalisador emocional que é transportado para a narrativa. Segundo Tutikian (2006), nota-se o choque e a (re)negociação cultural na escrita do timorense. A autora destaca que, na obra de Cardoso, a tradição e a cultura timorense “encontram-se com a cultura ocidental, estabelecendo uma nova concepção do ser e do ser na realidade, onde passado e futuro se antagonizam, e o texto ganha características outras, de desconstrução, de experimentação, de confusão” (TUTIKIAN, 2006, p.152)⁸.

De facto, o território português é bastante curioso. Primeiramente, revela-se como uma entidade mistificada. No romance *Crónica de uma travessia*, o leitor pode aceder a processos de aculturação. Takas, personagem principal, fortemente influenciada pelo mesmo sistema de ensino que formou a Mocidade Portuguesa, mitifica a pátria lusa. Assim, apesar de nunca ter assentado pé em Portugal, a jovem personagem equipara a distante pátria lusa a um paraíso terreno (CARDOSO, 1997, p. 57-58).

Numa segunda fase, já com as personagens a concretizarem o seu relato a partir de Portugal, o cenário afigura-se como gerador e potencializador de alteridade. Lucas Santiago é uma personagem densamente construída cujo acesso à sua imagem é permitido através de múltiplos e tensos jogos de espelho. Em Portugal, a personagem narrará trechos que permitem, então, aceder à sua autoimagem. Em relação aos portugueses, a vida na periferia e a cor da sua pele são-lhe evidentes traços portadores de diferença: “poderia assustá-la, sabia perfeitamente pela própria

significado é interno ao sistema da própria narrativa”. Tradução nossa]. A análise encetada respeita, conforme se defende, a metaficção que favorece a distinção entre autor e personagem.

⁸ Existem duas diferenças preponderantes e que demarcam os *seres de papel*. Lucas Santiago corporiza o relato em Portugal e num registo muito mais fragmentado, ao jeito da escrita pós-realista. Tal evidência tem razão de ser. A personagem inscreve-se num tempo mais moderno, num período em trânsito, cuja paragem só pode ocorrer por catástrofe ou diferidamente. Todos estes movimentos, declinações e metamorfoses constituem o espaço da modernidade que oscila entre a *desterritorialização* e a *reterritorialização* (d’ALTE, 2014; LITTLE, 1994). Por seu turno, Ernesto narra os episódios da infância vivida em Ataúro, em vésperas do fim da administração portuguesa. A trama é desenhada de maneira mais linear, sugerindo, levemente, um fatalismo do qual ninguém se libertará. A presença de um destino maior é algo curiosa e interliga-se, claro está, com o pensamento autóctone timorense de variadas formas.

experiência que um homem mete sempre medo, sobretudo quando a cor do seu rosto se confunde com a pele da noite” (CARDOSO, 2003, p.69). Trata-se, pois, de um dinamismo assinalado por André (2005) e que acentua o carácter dialógico e o pulsar conflituoso da negociação identitária em permanente reconfiguração. A evidência é visível no seguinte trecho:

Gostava de fado, uma paixão que nunca ocultou. Muitos dos seus conterrâneos gostavam do tinto e do Português Suave que mais ou menos foram misturando com a cerveja de Singapura e com o tabaco mentol da Indonésia. Que diriam dele por gostar da música de quem os oprimiu durante quatro séculos, o gosto de um assimilado ou o prazer de um alienado (CARDOSO, 2003, p. 149).

Para além destes aspetos assinalados, emerge, na narrativa, uma outra peça do mosaico: a condição de exilado (SAID, 2000)⁹. Aliás, o romance *A última morte do coronel Santiago* é, sob esta perspectiva, bastante denso e explícito. Senão, leia-se: “baixou a cabeça envergonhado. Vergava-se perante a sua condição de exilado” (CARDOSO, 2003, p. 112). Mais adiante, a narrativa define o estado da alma dos exilados, em Portugal, num tom que oscila entre o da cobardia e o da angústia: “Dançavam até que lhes doessem as peles. Essa irresistível vontade de sobreviver para além do irremediável. Descobriram a melhor forma de fazerem o regresso sem nunca terem saído do mesmo sítio, enquanto esperavam pelo mau estado lá do sítio” (CARDOSO, 2003, p. 112).

O contexto da experiência adensa a psique negativa de Lucas Santiago e o seu comportamento autodestrutivo: “foi-se aos poucos excluindo de tudo. Recusava ter uma família, uma religião, uma terra e uma pertença. Sem uma retaguarda segura a que recorrer quando necessitasse. Estava só e vulnerável” (CARDOSO, 2003, p. 87).

O sentimento é motivado por um pretenso favorecimento no que diz respeito à ausência da guerra. Note-se que, tanto Takas, Ernesto ou o próprio Lucas Santiago são figuras que experienciam o drama da guerra em diferido. Dito de outra forma, numa posição mais alheada do sofrimento físico. No romance de 2003, o leitor pode ler a mágoa de Lucas Santiago, aguçada pelas imagens “que a televisão mostrava [e que] se repetiam de uma forma incessante na sua memória quando fechava os olhos

⁹ Edward Said define a condição de exilado como “the unhealable rift forced between a human being and a native place, between the self and its true home: its essential sadness can never be surmounted. And while it is true that literature and history contain heroic, romantic, glorious, even triumphant episodes in an exile’s life, these are no more than efforts meant to overcome the crippling sorrow of estrangement. The achievements of exile are permanently undermined by the loss of something left behind forever” (SAID, 2000, p. 318).

de propósito para não reparar na exaustiva repetição das cenas de violência” (CARDOSO, 2003, p. 61). O cortejo de violência agudiza a dor do *ser de papel* que, progressivamente, se vai anulando.

De certa forma, este tópico traz consigo o sentido grego de *katábasis* – uma descida ao inferno na qual as personagens tentam “averiguar o que de pouco claro se lhes afigura na vida terrena, ou para cumprirem qualquer missão de importância, em geral em favor de qualquer pessoa ou comunidade humana” (FERNANDES, 1993, p.347). Esta dimensão é observada, em Ernesto e em Lucas, na tentativa e na busca de alguma redenção: seja pela revisitação da pátria, seja pela autodestruição, seja pela reconstrução hiperbólica e psicótica dos momentos cruciais das suas vidas – num labirinto de peripécias às quais o leitor é convidado a dar sentido. Como síntese da evidência anterior, pode ler-se o recorte no qual Lucas Santiago, o timorense, rememora o seu passado (CARDOSO, 2003, p. 69-73) e evidencia uma ingenuidade infantil ao clamar por uma correção do tempo e uma restituição da sua vida roubada:

Tantas vezes ouvira na telefonia um cantor português fazer esse mesmo pedido. Tantas vezes pediu que lhe devolvessem o passado quando se chateava com o presente. Estava deitado no chão com o nariz a farejar o chão. Passou pela sua memória sobretudo esses tempos da infância. Tinha bem presente os nomes e os rostos dos amigos. Recuperava-os todos de uma só assentada. Coisa que um moribundo faz antes de os perder definitivamente (CARDOSO, 2003, p. 46).

O regresso, enquanto possibilidade, é um poderoso catalisador de flutuações sentimentais em Lucas Santiago. Perante a hipótese, Lucas Santiago sofre remorsos por ter favorecido o modo de vida português em desfavor da vida em Timor e experiencia um conflito interno que põe em oposição o seu suposto bem-estar em Portugal e o terror vivido por aqueles que não escaparam ao terror da invasão indonésia. O retrato emocional, esboçado sumariamente, possui contornos de um processo de *desterritorialização*, demonstrando que a personagem vive no interstício entre a cultura timorense e a cultura portuguesa, pertencendo, paradoxalmente, a ambas e a nenhuma das duas em exclusivo¹⁰. Em todo o caso, e retomando a linha

¹⁰ O apontamento destacado coincide com a dupla consciência e com o desalojamento sintetizado por Tyson (2006, p. 421): “the feeling of being caught between cultures, of belonging to neither rather than to both, of finding oneself arrested in a psychological limbo that results not merely from some individual psychological disorder but from the trauma of the cultural displacement within which one lives, is referred to by Homi Bhabha and others as *unhomeliness*”. [A sensação de estar ancorado entre duas culturas, de pertencer a nenhuma senão a ambas, de se encontrar a si próprio preso num limbo psicológico que resulta não tão-só numa desordem psicológica individual mas no trauma de um desalojamento cultural

argumentativa, Lucas Santiago perspectiva um possível regresso a Timor como um provável ajuste de contas entre si, os seus antepassados e os seus conterrâneos.

Quando os regressos se concretizam, a autoimagem das personagens e a sua cosmovisão são abaladas. Ernesto de Aquino é tido como um *malae*, um estrangeiro, destituído dos direitos associados aos autóctones. Quando retorna à ilha do crocodilo, vê-se arrastado para um julgamento tradicional, um ajuste de contas timorense, no qual Moisés, seu amigo de infância, perderia a vida. No entanto, Moisés, antes de morrer, acusa Ernesto de cobardias e de fugas: “sempre foste um maricas”¹¹ (CARDOSO, 2017, p. 245). Por sua vez, em Timor, Lucas Santiago estranha a circulação pela esquerda e é recebido pelas crianças como um “forasteiro” a quem são atiradas frases como “Hullô mister” e “malae ba ona”¹² (CARDOSO, 2003, p. 201). Ante a situação, Lucas Santiago agarra-se a traços que considera representativos da nacionalidade timorense e da sua pertença à terra:

não se considerava estrangeiro na sua terra [...] não era nenhum *malae* muito menos *mister*, falava muito bem tétum [...]. Não só sabia falar o tétum praça como o tétum das montanhas [...] sabia falar *mambae* [...] sabia de cor o nome dos régulos e dos chefes de povoações (CARDOSO, 2003, p. 202).

Em termos de papéis sociais, Timor revelar-se-á bastante exigente para Lucas Santiago. Se alguns se contentam, simplesmente, com a sua presença, como é o caso do sobrinho (2003, p. 202)¹³, genericamente, a personagem regressa *estrangeira* aos olhos do mundo timorense e daqui advém um sentimento de discriminação (2003, p.

no qual um ser vive, é referido por Homi Bhabha e outros autores como um *desalojamento de si*”. Tradução nossa].

¹¹ Frase com duplo sentido: o da homossexualidade e o da cobardia.

¹² O termo estrangeiro possui, na cultura nativa, uma carga pejorativa. Os timorenses utilizam a palavra “malae” para designar uma pessoa que não pertence ao território timorense e que não deve ter acesso ao património cultural da sua aldeia. O padre Barros Duarte registou esta característica timorense em livro: “Este instinto de defesa das suas crenças é tão profundo no indígena que o meu principal informador convertido ao catolicismo em 1959, e estando ao meu serviço desde então, só volvidos sete anos, e depois de me haver iludido umas trinta vezes sobre o mesmo assunto, se decidiu a revelar-me os nomes das divindades atáúros *Lé-Kali* e *Mimitu!*... E, quando chegou ao conhecimento de outros indígenas, também já convertidos ao catolicismo, que aquele meu informador me havia revelado muitos segredos da sua religião primitiva, não se coibiram de manifestar a sua reprovação, mesmo na minha frente” (DUARTE, 1984, p.7). Curiosamente, este episódio, no qual o padre tenta aprender particularidades da cultura autóctone, é retratado no romance *Para onde vão os gatos quando morrem?*. O livro mostra que o padre faz recurso ao vinho tinto para embriagar o seu informador e, depois, se apropriar dos segredos nativos. Para além deste aspecto, pode ler-se: “O padre Duarte fixou-se definitivamente em Lisboa quando deixou de ser deputado. Levava uma vida recatada. Continuou ligado a Timor por causa dos seus valiosos estudos ultramarinos sobre os mitos e ritos da ilha” (CARDOSO, 2017, p. 188-189).

¹³ Para uma referência mais célere, opta-se por se referir, nas citações seguintes, apenas as páginas do romance *A última morte do coronel Santiago*, editado pela Dom Quixote.

209). Com o desenrolar narrativo, percebe-se que os timorenses “esperavam dele algo de extraordinário. Como esperavam de todos os que vinham do exterior” (2003, p. 218)¹⁴. Também os timorenses que lhe eram mais próximos, como a ama Prudência e Pedro Santiago, tinham aspirações para Lucas Santiago: vê-lo ordenar-se padre (2003, p. 241).

A autoimagem de Lucas Santiago torna-se disfórica. De facto, ele “não tinha cadastro de Resistente. Sabia que era alvo de suspeitas, sujeito à vigilância, desconfiavam dele os que o esperavam mais interveniente politicamente, devendo definir-se de que lado estava” (2003, p. 241). No entanto, Lucas Santiago não alimentava qualquer vontade de participação política. Pior, em relação à família, depauperada, Lucas Santiago não consegue qualquer tipo de melhoria significativa. Como o próprio reconhece, “não enriqueceu no estrangeiro. Escreveu dois livros que mal se vendiam. Estava sem nenhum dinheiro guardado como fez muita gente que sempre viveu em Timor” (2003, p. 224). Também a continuidade social e a ascendência são colocadas em risco. Lucas tem dificuldade em assumir o papel do falecido pai e manifesta desconforto quando a população lhe tenta beijar a mão em sinal de respeito (2003, p. 242).

As situações nas quais as personagens se veem envolvidas clamam uma resolução. Curiosamente, o desfecho para ambas as figuras de Ernesto de Aquino e de Lucas Santiago é equivalente e acarreta um fim de ciclo.

No caso de Ernesto, quando regressa à ilha, visita Silêncio, personagem muda e que fora acusada de ter morto o chefe de posto, o pai de Ernesto. Silêncio poderia ter abandonado a cela pois as acusações do tempo colonial estavam suspensas: “quem quisesse sair também o podia fazer. Havia livre circulação. Muitos dos detidos foram-se embora mal abriram portas. Foi uma soltura geral. Silêncio ficou. Estava determinado a permanecer, pedido a repetição do seu julgamento” (CARDOSO, 2017, p. 194). Esta intransigência de Silêncio em abandonar a prisão, prescindindo da liberdade por esta vir desassociada da inocência, fará com que Ernesto permaneça na prisão e assista a um *juízo carnavalesco*. Os presentes gritaram por um julgamento popular. E para cumprir este propósito, os populares recuperaram a ossada do falecido chefe de posto e vestiram-lhe a farda para cumprir o julgamento. Ernesto abandonaria a assembleia. Crê-se que Silêncio também o tenha feito pois

¹⁴ O apontamento poderá estar relacionado com a temática recorrente da lenda do irmão mais novo.

“não teve coragem de participar na segunda morte de Tomás de Aquino” (CARDOSO, 2017, p. 194). Depois deste episódio macabro, as peripécias afunilam-se e fazem regressar Ernesto a Portugal.

No que diz respeito a Lucas Santiago, este assume o seu último papel motivado por uma conjuntura que mescla o sentimento de culpa (esperaram vinte e cinco anos por ele) e a tomada de consciência de si próprio e do contexto no qual se encontra: “depois de um momento de reflexão apercebeu-se rapidamente do que se estava a passar. Ou entrava na encenação ou nunca deveria ter vindo. Se veio, sabia perfeitamente ao que vinha” (CARDOSO, 2003, p. 254). Assim, Lucas Santiago irá escrever a carta a Clara, concluir o funeral, continuar a linhagem e tomar o lugar do pai – vestindo o fato de linho branco do velho coronel e aceitando, desta vez, que lhe beijassem a mão (p. 255). Por fim, aceitará o seu destino com calma e a resignação de que já não sairá de Timor até ao final dos seus dias: “escrevo-te no sítio mais lindo do mundo para se morrer” (CARDOSO, 2003, p. 267).

Considerações finais

Timor é uma ilha cuja formação resulta da pressão de uma placa tectónica que fez um pedaço de terra emergir acima da linha do mar. Nos relatos nativos, esta evidência é transportada para o folclore timorense ao associar-se o nascimento da ilha à viagem de um crocodilo. De facto, a ilha e o sáurio partilham de algumas características: a cor verde e os tons acastanhados; os sulcos da “pele” e a possibilidade de emersão, desde o fundo do mar até à tona. Conforme se percebe, a viagem é tema afecto à ilha. Curiosamente, também o povo se vê arrastado para este fenómeno da viagem, sobretudo no século XX.

Luís Cardoso retrata esta particularidade. A viagem assume-se, pois, com um eixo central na produção literária do timorense. É a viagem que permite diluir as fronteiras do tempo e revelar um carácter ucrónico no tratamento do mesmo. É, também, a deslocação que permite ao narrador e, conseqüentemente, às personagens, resgatar as memórias e pôr em evidência os sortilégios da historiografia e da cultura autóctone. Também pela deslocação se apresentam e se confrontam as personagens nas suas diferentes crenças, atitudes e latitudes.

Ler as obras de Luís Cardoso é, neste sentido, a derradeira viagem metafórica na qual o leitor se constrói como conhecedor do universo timorense ao aceder a processos de aculturação, de territorialização e reterritorialização; ao ler flutuações na

autoimagem das personagens e, também, ao compreender o conflito interno das mesmas naquilo que é assunção dos seus diferentes papéis sociais. Em suma, a obra de Cardoso permite que o leitor viaje pelo caleidoscópio polifónico e imagético que compõe a sociedade timorense.

Referências

ANDRÉ, J. M. *Diálogo intercultural, utopia e mestiçagens em tempos de globalização*. Coimbra: Ariadne, 2005.

CARAGEA, M. Metaficção historiográfica. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-dicionário de termos literários (EDTL)*, 2010. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/>> Acesso em 01 jan. 2021.

CARDOSO, L. *A última morte do coronel Santiago*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

CARDOSO, L. *Crónica de uma travessia: a época do ai-dik-funam*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

CARDOSO, L. *O ano em que Pigafetta completou a circum-naveção*. Porto: Sextante Editora, 2013.

CARDOSO, L. *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

CARDOSO, L. *Para onde vão os gatos quando morrem?* Porto: Sextante Editora, 2017.

CARDOSO, L. *Requiem para o navegador solitário*. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

CENTENO, R.; SOUSA, I. C. *Uma Luik Timur: casa sagrada do Oriente*. Maia: Sersilito, 2001.

D'ALTE, P. A cosmogonia oculta timorense e o mundo literário de Luís Cardoso. Olhares que se cruzam. In Sarmiento, C. (org.). *E-revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, v. 7, n. 2, p. 1-17, 2019.

D'ALTE, P. *Caleidoscópio literário: a representação romanesca em Luís Cardoso*. Dissertação de mestrado em Estudo Portugueses Multidisciplinares. Lisboa: Universidade Aberta, 2014.

D'ALTE, P. Circum-navegação e Timor. Leituras literárias da casa sagrada timorense, Luís Cardoso e Pigafetta. *E-revista de Estudos Interculturais do CEI-ISCAP*, v. 8, n. 1, p. 1-16, 2020a.

D'ALTE, P. Luís Cardoso e Senna Fernandes: um possível diálogo de aproximação. *Afluente: revista de letras e linguística*, v. 5, n. 16, p. 93-111, 2020b.

DUARTE, J. B. *Timor, ritos e mitos ataúros*. Lisboa: ICLP, 1984.

HUTCHEON, L. *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1980.

LITTLE, P. Espaço, memória e migração: por uma teoria da reterritorialização. *Textos de história*, v. 2, n. 4, p. 5-25, 1994.

LOUREIRO, R. *Onde nasce o sândalo – Os portugueses em Timor nos séculos XVI e XVII*. Algueirão: Editorial do Ministério da Educação, 1995.

PIGAFETTA, A. (ca). *Journal of Magellan's Voyage* (manuscrito original. Biblioteca da Universidade de Yale, EUA). 1525.

RAMOS, A. M. Literatura timorense em língua portuguesa: os caminhos da consolidação. *Boletín Galego de Literatura*, v. 52, n. 1, p. 5-20, 2018.

SAID, E. *Reflections on exile and other Literary and Cultural essays*. London: Granta, 2000.

SCHOLLES, R. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1989.

SEIXAS, P. & ENGELENHOVEN, A. (orgs.). *Diversidade cultural na construção da Nação e do Estado em Timor-Leste*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, I. C. Timor Leste desde muito antes dos portugueses até 1969. In *Encontros de divulgação e debate em estudos sociais – Timor Leste*. Lisboa: CEPESA, 1998.

TUTIKIAN, J. Lucas Santiago: uma personagem pós-colonial. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.41, n.3, p. 149-158, 2006.

TYSON, L. *Critical theory today – a user-friendly guide*. New York: Routledge, 2006.

WALSH, R. *The rhetoric of fictionality: narrative theory and the idea of fiction*. Columbus: The Ohio State University Press, 2007.

Recebido em: 04/02/2021

Aprovado em: 23/03/2021